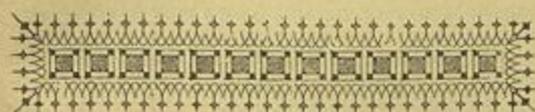


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º à entrega	21.º Anno — XXI Volume — N.º 698	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs			
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	5950	6120	20 DE MAIO DE 1898	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Estoirou a ultima bomba do foguete derradeiro. Signal da partida. Os grandes couraçados accendem as caldeiras, os véreadores de Marco de Canavezes arranjam as malas.

Ite, centenarium est.

Os theatros que deram recitas de graça vomitam os ultimos espectadores tardinheiros e fecham as portas. Enchentes á cunha. Estamos costumados a vê-las. O bairro de Nossa Senhora da Graça foi sempre o mais amigo de espectaculos.

Falado foi, falado ficará sendo o centenario do descobrimento do caminho da India.

Uma nota sympathica em tanto festejo, tanto apertão: não houve uma só desordem, não houve uma prisão falada. Gente cordata é esta portugueza, que se algum defeito ás vezes tem, é o exagero da cordura.

Mas agora veiu ella a pello e os cotovellos com que um homem fura pelas gentes, como minhoca pela terra, não encontraram recalcitrantes que dessem trabalho aos policias todos de fresco enlavados.

Portugal acaba de commemorar o facto mais notavel da sua historia, esse quinto acto gigante de tragedia epica, do feito ingente entre os maiores commettidos e levados a cabo pelo arrojado homem.

Nomes gloriosos como o de Vasco da Gama, marinheiros que pelo coração são rivaes do famoso almirante, muitos houve em Portugal que inutil é citar; mas o heroe, que mereceu ser cantado por Luiz de Camões, foi o que poz o remate luminoso a todos esses trabalhos, que tantas mortes custaram aos que partiam, tantas lagrimas aos que saudosos alongavam os olhos, na esperança, tanta vez baldada, do seu regresso d'elles á patria, ao lar, ao conchego da familia.

Algumas das festas foram innegavelmente brilhantes e puderam aquecer um publico preocupado, triste e invadido pelo desanimo.

O governo, que se absteria de auxiliar a iniciativa da Sociedade de Geographia, quiz colaborar no centenario, concedendo o titulo de Conde da Vidigueira a D. José Telles da Gama, filho mais velho do actual representante do primeiro conde. O titulo concedido por El-rei D. Manuel ao almirante do Mar das Indias tem-se perpetuado até nós.

A Sociedade de Geographia trabalhou com afan e intelligencia para o resultado obtido e na sessão solemne realhada nas suas salas espaçosas, no baile, no offerecimento que fez das salas aos estudantes, em todas as occasiões em que appareceu representada por alguns de seus membros mais distinctos, recebeu inequivocas provas do apreço em que o publico a tem e da gratidão de que a todos se tornou merecedora.

Dos concursos a que mandou proceder foi seguramente o mais notavel o dos quadros representando Vasco da Gama na audiencia do Samorim. D'elles já fizemos menção, mas nunca é de mais citar nomes como os de Salgado, o vencedor, e de Condeixa, cujas excellentes qualidades de pintor mais uma vez se revelaram.

Apesar de alguns agoirentos, que se sahiram

máus prophetas, bastantes navios estrangeiros vieram ancorar no Tejo.

Mas, o que deveria ser grande alegria para nós veiu-nos em meio das festas recordar tristezas, a guerra de Hespanha, a possivel guerra de mais poderosas nações.

A nota alegre das ruas era dada sobretudo pela grande quantidade de provincianos, que os caes de Santa Apollonia e Rocio e a ponte dos vapores

do Barreiro se fartaram de ver desembarcar.

Muita cara bonita? Nem por isso.

Muito contentes, elles e ellas ahí andavam girando por essas ruas, dando, levando encontros, enchendo os hoteis, os americanos, os elevadores

Tudo fica lembrado.

No elevador da Bica, uma provinciana faladora, fazendo figura deante d'um que nunca tinha vindo a Lisboa, dizia para o conductor.

THEATRO DE D. AMELIA



O ACTOR NOVELLI — Vidè Chronica Occidental

—Vocemecê, d'antes, estava no elevador da Gloria. Conheci-o logo!

E muito contente...! Tudo lhes fica! Não lhes faltaram festas: regatas, em que os marinheiros portugueses foram dignos do nome; revistas navaes; bellas, magnificas illuminações; fogos de vista!

E as toiradas? Quantas e das melhores! Só para ver o Guerrita' duas tardes a fio, na Praça do Campo Pequeno, valia a pena a jornada, o bote no pé de meia! Sobretudo, na segunda tarde, com toiros de Emilio Infante, o grande mestre esteve superior.

Mas o grande cuidado, a preocupação, a estafa, foi arranjar um bilhete para a grande toirada á antiga portugueza, para ver o Visconde da Varzea, o Visconde de Alverca, o Antonio S. Martinho, o Marreca, o Luiz do Rego! O bilhete arranhou-se e a familia toda lá marchou alegremente, de comboio, de americano, de batedor, ou como fosse!

O cortejo tambem foi de sensação. Ouviam-se de longe os estudantes, capas ao ar, flores, para as janellas! Eram a alegria! Davam vivas ás mulheres bonitas. E' o costume,

Quando foi da festa ao João de Deus, passaram elles por uma casa onde no primero andar estavam as patrões feias como demonios e no andar de cima as criadas muito bonitas. E um d'elles gritou:

—Viva o pessoal menor da casa!

O cortejo era enorme e imponente. Muitos carros dignos de nota. Os pretos um encanto! Bellos os toureiros! Os campinos atrahindo as vistas; gente sympathica!

Atraz de tudo, seguia a comissão executiva do centenário, aclamada por todos.

Triste, triste, eram os tambores quando as musicas se calavam, rufando uma marcha que parecia funebre. Porque?

Tem sido concorridissima a feira franca no alto da Avenida. Um piso horrivel. Montões de pedras nos caminhos entre as barracas. Tem entretanto coisas interessantes, ao lado de algumas vergonhosas. O que mais chama a attenção são os pretos, curiosos nos seus trajes, festejados por todos, e sempre contentes e engracados, rindo sem perceberem nada senão que lhes dão importancia.

Ha dias, uma senhora mostrou a um d'elles uns aneis riquissimos que tinha nos dedos. Elle gostou sobretudo de lhe ver as unhas.

—Bonito! Bonito! dizia d'olho a luzir e dentes muito brancos.

Ao *Te-Deum* nos Jeronymos assistiu a côrte e familia real. Esqueceu a quem era dever lembrar que na Junqueira ha verdadeiros temporaes de poeira comparaveis aos que o simoun levanta nas areias do Sahará. Ninguem poudo ver quem passava e os que por lá passaram decerto todos se arrependeram. Dobrar o Cabo das Tormentas não foi maior arrojido do que atravessar aquellas nuvens suffocantes e fedorentas.

Inaugurou-se o aquario em Algés e novamente os comboios e americanos tiveram que transportar para aquelles lados milhares de passageiros. Mas n'esse dia, *Te-Deum, laudamus*, regaram as ruas.

Não teem faltado exposições em que os forasteiros possam passar deliciosamente algumas horas vagas, tornando-se notaveis as das flores, imprensa, alfaias agricolas e muitas outras.

As mais concorridas hão sido, porém, e justamente, as do Gremio Artístico nas salas da Academia de Bellas Artes e as da grande liquidadora da Avenida nas bellissimas salas decoradas pelo grande artista Raphael Bordallo Pinheiro.

Desde a iniciativa de Alberto de Oliveira, um dos rapazes a quem mais deve a arte portugueza o ter hoje tantos amadores, ha muito já que as exposições do Gremio são anciosamente esperadas por todos os que pelos progressos da arte entre nós teem um bocadinho de amor.

Na Academia este anno, foram admittidos quadros já anteriormente expostos e destinada uma sala para mortos illustres, que tanta gloria e tão poucos proventos entre nós houveram.

Desde a entrada, onde se nos deparam alguns pasteis formosissimos de El-rei D. Carlos, até á ultima das salas, podemos admirar o melhor que Portugal tem produzido n'estes ultimos trinta ou quarenta annos. Ali estão expostos os quadrinhos de genero flamengo tão amorosamente pintados pelo velho Bordallo, as paizagens ternissimas de Annunciação, os quadros historicos de Lupi e o retrato, um assombro! da mãe de Sousa Martins, paizagens de Silva Porto á angustiar a nossa saude. Dos modernos o que elles hão feito de melhor: Os *Póveis* de Sousa Pinto, os retratos e paizagens de Reis, a *Mulher que Ri* de Columbano e um quadro novo apothose de Vasco da

Gama, retratos e o *Christo* de Salgado, a *Lucinda Simões* pelo Galhardo, o *Lanterneiro* e a mãe de Jaime Victor pelo Ramalho e tantos, tantos e dos melhores, de Vaz, de Christino, de Malhóa e de muitos outros.

E' uma exposição que honra sobremaneira a arte portugueza.

Na grande liquidadora da Avenida Raphael Bordallo, ajudado por Jeronymo Silva, transformou aquellas salas cheias de objectos preciosos e riquissimos na mais bella residencia de huris que é possível fantasiar, e ninguem pôde descrever.

E' das mais bellas coisas que temos visto em Lisboa.

Os vastos salões estão cheios de verdadeiras maravilhas e ali se accumulam as obras d'arte genuinamente portuguezas, algumas criadas modernamente pelos dedos magicos de Raphael e o pincel inspirado de Columbano, ao lado dos melhores quadros gothicos, jarras da china, estatuetas de Saxe, pratos de Sévres, vidros de Veneza.

E tudo artisticamente disposto pelo talento unico de Raphael Bordallo, formando em sua confusão dos mais bellos espectaculos que seja dado aos olhos admirar.

Não voltam arrependidos, não, os que de tão longe vieram á capital e por bem empregados hão de dar o tempo e o sopapo na gaveta.

Theatros tiveram tambem e dos melhores.

Inaugurou os espectaculos de gala o theatro da Trindade com a primeira representação do *Auto dos Esquecidos*, inspirada composição de Sousa Monteiro, um poeta distinctissimo, de forma impecavel e dos melhores cultores da formosa lingua portugueza.

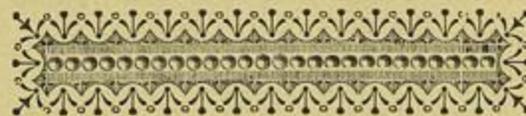
O theatro de D. Maria tem tido enchentes successivas, repetindo o espectaculo que deu no dia em que inaugurou a serie por assignatura. Todas as noites são sido applaudidos os interpretes do acto de Cypriano Jardim, dos trechos dos *Lusiadas* e do *Auto de Gil Vicente*.

O *Auto Pastoril* Portuguez teve um exito colossal, tanto maior do que era de esperar e que mais uma vez confirmou a alta intelligencia do publico em Portugal.

Novelli, o grande Novelli, continua no theatro D. Amelia, variando o repertorio, todas as noites applaudidissimo. E' realmente assombroso o seu trabalho. Hoje o *Bebé*, amanhã o *Othello*! E o homem que hoje vimos e julgamos ser o melhor actor comico, revela-se-nos amanhã como maior dos tragicos de Italia! E segue-se o *Papá Lebonnard* e nunca assim vimos quem represente o drama moderno!

Ah! provincianos, provincianos! Guardae tudo na memoria, guardae muita coisa na memoria do coração, que esta se fez para os grandes artistas!

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

A EXPOSIÇÃO D'ARTE

Para commemorar o quarto centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, realisou a benemerita sociedade Gremio Artístico uma exposição retrospectiva e contemporânea, logrando esta sua celebração um lisongeiro exito, pelo muito apreço que tem merecido de nacionaes e estrangeiros e pelo elevado numero de trabalhos que conseguiu reunir nas seis salas que occupa a exposição.

As festas centenarias tiveram, pois, n'este numero do programma um brilhante successo que gostosamente registamos nas nossas paginas, destacando de entre os muitos e valiosos trabalhos expostos dois bellos quadros, que reproduzimos nas gravuras de pag. 116 e 117. O quadro *D. João II* ante o corpo inanimado de seu filho D. Affonso, figurou com justa razão n'este importante certamen, não só porque é uma obra de grande valor como tambem o assumpto se parallelisa com o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, mercê do principal personagem, esse illustre soberano que a historia appellidou de *Perfeito* e que tão inteliz foi nos seus anhelos mais queridos — a morte desastrosa do filho herdeiro e a realisação do grande feito de Vasco da Gama, e já por elle tão sonhado.

O notavel quadro é, como se sabe, original de um dos nossos artistas mais conscienciosos sr. Antonio Condeixa e pertence á Academia de Bellas

Artes, que o guarda com bem justificado apreço. O quadro, que representa a celebre batalha do cabo Matapan, dada pelos venezianos e portuguezes contra os turcos, no seculo xviii, pertencendo declaradamente a honra de alcançar-se a victoria á valentia dos ultimos, é um quadro de assumpto muito proprio a suscitar agora, pois nos apresenta uma das nossas mais bellas glorias navaes.

O sr. João Dantas, o auctor laureado d'este quadro, tem n'elle uma das suas melhores marinhas, não só pelo valor artistico, mas muito especialmente pelo grande estudo que revela até no mais insignificante pormenor.

No tempo de D. João V, o apresto dos navios, que tão notavel papel representaram n'esse combate, constituiu um verdadeiro esforço e dá perfeita ideia dos tremendos gastos que se fizeram, não porque fosse fartamente equipada, mas porque para o seu armamento foi necessario empregar cabedaeiros e de que foi forçado a desistir pela falta de dinheiro, quando tanto ouro vinha do Brazil.

Nenhum historiador até hoje soube vêr no apresto d'estes navios a razão da desistencia de tão fallada viagem, que el-rei desejava ardentemente, chegando a afirmar alguns que á influencia da rainha e á fuga talvez combinada de seu cunhado D. Manoel, se deveu tão singular opposição a um desejo do monarcha magnanimo. São documentos coevos, que tivemos ensejo de vêr, que nos deram a chave de tão interessante questão, e bem se comprehende que D. João V não poderia deixar de soccorrer o papa, quando n'essa viagem tencionava hospedar-se em Roma, e d'esta collisão resultou o soccorro dado, em que a nossa armada promoveu a brilhante victoria do Cabo Matapan.

Seria ocioso querer alludir a muitos outros quadros notaveis que se encontram na actual exposição.

O catalogo, distinctamente elaborado, dá perfeita ideia do seu numero e constitue tambem um precioso documento que ficará testemunhando a importancia do certamen.

A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO RESTELLO

O sitio onde hoje se ergue o magestoso templo dos Jeronymos, chamou-se, ao que parece, o Restello e da praia d'este nome partiam as caravellas que se aparelhavam para os descobrimentos maritimos.

Foi n'esse logar que o infante D. Henrique, movido da piedade christã, mandou construir uma capella dedicada á Virgem e que doou aos freires de Christo, de cuja Ordem era mestre e administrador.

N'esta capella, que o povo denominou de Nossa Senhora do Restello, pela razão do logar em que estava construida, é que os mariantes se preparavam espiritualmente para as aventureosas viagens, recebendo ali os sacramentos e ouvido missas, o que lhes fortalecia a fé e lhes dava animo para aquelles arriscados empreendimentos, fazendo sorrir-lhe a esperanza de bom resultado.

Assim foi que Vasco da Gama, seu irmão Paulo da Gama e mais todos os mariantes que com elle foram ao grande descobrimento do caminho marítimo da Índia, todos ali se confessaram, sacramentaram e ouviram missa ante o altar de Nossa Senhora do Restello, primeiro que partissem para a extraordinaria viagem.

Foram; e os felizes que voltaram, poderam dar graças ante o altar da Virgem, por terem escapado dos perigos e alcançado o fim que desejavam.

Mas o descobrimento do caminho marítimo da Índia, operou uma revolução na velha Europa. Trouxe elementos para novas industrias, progressos para as sciencias e riquezas incalculaveis que inundaram o velho continente.

El-Rei D. Manuel, agradecido á Providencia que assim enriquecia o seu reinado, quiz commemorar o glorioso feito, e mandou construir o sumptuoso templo dos Jeronymos, que as gerações admiram, e do primeiro ouro que lhe veio da Índia mandou fazer a celebre custodia que offereceu ao mosteiro, e que ainda hoje, perpetua, nos primores do cinzel e riqueza da pedraria que a adornam, o mais glorioso feito dos portuguezes.

Para se construir, porem, o grandioso mosteiro, escolheu El-rei o local onde estava a capella de Nossa Senhora do Restello, pelo que foi esta demolida para dar logar á nova edificação.

¹ Vid. *Ocidente* n.º 690, pag. 43 e 44 do presente vol.

El-rei D. Manuel, para indemnizar a Ordem de Christo, deu a esta em troca da dita capella a *esnoga* ou synagoga que fôra dos judeus, conhecida por Judiaria Grande, no sitio denominado Villa Nova, nas proximidades da Sé de Lisboa.

A synagoga foi toda reconstruída e ampliada por ordem de el-rei D. Manuel, que dedicou o templo á Virgem da Conceição, o primeiro que se erigiu intra-muros de Lisboa.

Para este templo foi trasladada a imagem de Nossa Senhora do Restello e ali esteve até ao terremoto de 1755 que destruiu a igreja completamente assim como a da Misericórdia, que lhe morava proximo, grandiosa construcção que el-rei D. Manuel mandára fazer, e que D. João III concluiu.

Dos restos que ainda se poderam aproveitar d'este famoso templo, mandou o Marquez de Pombal levantar uma igreja para dar aos freires de Christo, por ter ficado completamente destruída a que era d'esta ordem, e assim se vê hoje na rua da Alfandega o templo conhecido por Conceição Velha.

A porta e as duas formosas janellas que formam o frontespicio da actual igreja, era a entrada lateral da antiga Misericórdia, e a capella-mór, era a capella denominada do Espirito Santo do antigo templo.

Dentre as ruínas que o terremoto deixou pode salvar-se a imagem da Senhora do Restello, imagem de pedra, que a nossa gravura representa, e que foi então collocada na nova igreja onde hoje se venera, no segundo altar do lado da epistola.

Assim escapou a veneranda e historica imagem, reliquia por tantos titulos preciosa da historia portugueza.

VASCO DA GAMA

(Continuado do n.º 697)

Pouco mais sabemos de Vasco da Gama até 1492.

Dada porem a actividade da epoca, as empresas maritimas, a sustentação do dominio no norte da Africa, é certo que elle devia continuar a sulcar os mares, já para ir servir nas praças d'alem mar, onde nobres e não nobres iam guerrear os mouros e ganhar as esporas de cavalleiro, ou o direito a serem contemplados com tenças, ou comenda em alguma das ordens militares, já fazendo parte das armadas que se formavam para guarda das costas do reino, do estreito ou do mediterraneo, que piratas mouriscos ou turquescos infestavam frequentemente. N'esse periodo passaram-se acontecimentos militares de grande importancia, em muitos dos quaes Vasco da Gama devia ter tomado parte, e nos quaes havia de adquirir a experiencia tanto das coisas relativas á navegação, como da guerra, de que tão eminentes provas deu depois, e que o tornariam recomendado para as grandes empresas que lhe foram commettidas.

Um documento onde figuram Estevão da Gama e seu filho Vasco, obriga nos a uma pequena discussão.

Esse documento contem a disposição ou ordem em que estiveram presentes em um capitulo da Ordem de Sanct'Iago, as diversas dignidades, freires da ordem, que n'elle tinham assento.

Infelizmente o individuo que lançou esse registro n'um dos livros mais importantes do cartorio de Sanct'Iago, não declarou nem o anno, nem o local em que se celebrou o capitulo; outro porem acrescentou a memoria apenas com a designação do local, *Santarem*. Ora nós sabemos que em 1483 se celebrou o capitulo em Santarem, mas figuram entre os commendadores, individuos que ainda eram cavalleiros n'aquella lista, e n'ella ainda são mencionados alguns, que deviam ser fallecidos já n'aquella data; por isso parece dever excluir-se o anno de 1483.

No anno de 1482 o capitulo foi celebrado em Alcaçer do Sal, e os nomes também não concordam com os da lista; resta portanto o anno de 1481, aquelle em que D. João II começou a reinar.

Como, porem, sabem todos os que versam a historia, D. João foi rei duas vezes.

Quando em virtude das vicissitudes da sua empresa de Castella, e vendo-se quasi ludibriado por Luiz XI de França, D. Afonso V resolveu fugir do mundo e abrigar-se dos seus desgostos no sagrado da religião, afforçado sahio d'onde estava com poucos servidores, dando varias ordens e car-

tas aos seus mais intimos. Entre ellas havia uma para o principe seu filho, na qual resignava a coroa do reino, e lhe ordenava se acclamasse rei. Recebida a carta pelo principe, reuniu elle logo as cortes em Santarem, onde se achava, e com accordo d'ellas, da infanta D. Beatriz, do duque de Guimarães e dos grandes e prelados do reino foi proclamado rei, n'aquella villa a 10 de novembro de 1477, como logo participou ás camaras do reino.

Não sabemos perfeitamente quantos dias durou este seu primeiro reinado, porque logo que seu pae chegou, apesar das instancias que lhe fez, e dos varios alvites que lhe offereceu para que continuasse a reinar, D. João, com um respeito filial acima de todo o elogio, não concordou em nada, e resignou nobremente o sceptro nas mãos de seu pae.

Ora D. Afonso, depois do seu desaparecimento, foi procurado e encontrado em poucos dias, e embarcou n'um porto de França proximo de Honfleur em outubro. Seguindo para Lisboa foi acochado por um grande temporal, teve que evitar o encontro de uma esquadra de barcas allemas o que decerto faria demorar a viagem por mais de um mes, e talvez não chegasse a Portugal senão nos fins de novembro, principios de dezembro, achando-se já D. João II parece, em Lisboa.

E' pois muito provavel que o referido Capitulo se celebrasse logo depois d'esta primeira aclamação e no mesmo novembro de 1477, o que não discorde nem dos anteriores, nem dos factos posteriores.

Effectivamente, em seguida á lista que publicámos, seguem-se umas ordenações elaboradas pelo principe relativas á maneira como os visitantes deviam proceder nas visitas, as quaes são datadas de 1478, o que torna plausivel a nossa hypothese.

Em todo o caso aquella reunião só pôde ter-se verificado, ou logo em seguida á primeira aclamação em novembro de 1477, ou em seguida á segunda em setembro de 1481 visto D. Afonso V ter fallecido a 28 de agosto attemo-nos porém, pelas razões expostas, á primeira.

Diz-nos esse documento o seguinte :

NESTA HORDENANÇA ESTAUAM ASENTADOS DOM PRIOR E COMEDADOR-MÓR. E TRESSES, E CAUALEIROS DA ORDEM DE SANTIAGO EM CABIDO EM SANTAREM.

A' parte direita o Dom prior = Alvaro d'Almeida, treze = Duarte Furtado, treze = Antão de Faria, treze = João de Sousa, Commendador de Povos, em menda por Vasco Martins Monóz, treze = Aires da Silva, treze = João Rodrigues de Sousa, em menda por seu tio João de Sousa, treze = D. Guterres, treze = João Afonso de Aguiar = Pero Jaques = Afonso de Carvalho = ESTEVÃO DA GAMA = Aires de Miranda = Fernão Lourenço = Lopo Rodrigues Mealheiro = João Garcês = Alvaro Mascarenhas = Fernão de Sequeira. =

A' outra parte o Commendador-mór = João Correa, treze = Garcia de Mello, treze = Fernão Martins Mascarenhas, treze = Gil Vaz da Cunha, treze = Dom Henrique Henriques, treze = Fernão Mascarenhas, treze = Alvaro de Barros = Antão Gonçalves = Pero de Barcellos = Jorge d'Aguiar = João Rodrigues de Sá = Ruy Bes-teiro.

.....
Estes são os que tomaram depois o habito per mandado del Rey nosso Senhor ordenadamente como abaixo sam escriptos.

João de Brito = Os Tinocos = Pero d'Aguiar = Estevão de Lençoes = D. Rodrigo de Meneses = VASCO DA GAMA = Jorge Moniz = Antonio Vogado = D. João d'Abranches = João Ramires de Arelhano = Fernão de Contreiras = Lopo Alvarés de Moura = D. Henrique, Commendador-mór = D. Luiz (de Noronha) = Fernão Rodrigues, Veador da Duqueza = O Licenciado Fernão Rodrigues, procurador da Ordem.

Todos estes, pela maior parte mancebos, segundo os usos do tempo deviam ter prestado serviços importantes, que os tornavam merecedores de entrar em uma Ordem de Cavallaria tão nomeada e então em todo o vigor.

Vasco da Gama é o sexto na lista, portanto dos mais antigos, o que prova não só a valia dos seus serviços prestados até então, mas que não podia ter nascido, como alguns erradamente tem sup-

posto em 1469, pois que em tal caso teria apenas 9 ou 13 annos, idade em que se conferiam a alguns tenças para estudar, mas não ordens militares. Segundo a hypothese acima estabelecida, Vasco da Gama teria n'essa epoca 18 annos, ou no segundo caso 22, o que está d'accordo com as praxes seguidas.

Este facto não pôde referir-se a nenhum homonymo, porque é só o futuro almirante, o unico do seu nome que foi cavalleiro da Ordem e que, mais tarde, pelos seus eminentes serviços, recebeu em 1495, a investidura das Commendas de Mouguelas e Chouparia, pelo mestre D. Jorge.

Em 1481 sóbe definitivamente ao throno portuguez esse grande homem que se chamou na série dos reis D. João II. Inteligente, energico, activo, pensador, a politica de seu bisavô, o primeiro João, e de seu tio, o infante D. Henrique, recebe da sua mão firme e vigorosa um novo impulso. Ao lento caminhar dos descobrimentos maritimos durante os vinte annos que decorrem desde a morte do infante D. Henrique, em 1460, até á de D. Afonso V, succede um periodo de progredimento notavel. Em quanto Alvaro de Caminha vae povoar as ilhas de Cabo Verde e Diogo d'Azambuja vae fundar o castello de S. Jorge da Mina, que ha de ser um dos pontos mais importantes do commercio d'África, Diogo Cão descobre e explora o Zaire, em duas viagens successivas, onde firma os famosos padrões que assignalam as suas importantes viagens, e alguns annos depois, Bartholomeu Dias, illustrará o seu nome e a geographia universal com o descobrimento do famoso Cabo das Tormentas, que D. João II, com o seu espirito elevado e sensato baptisára com o auspicioso nome de Cabo de Boa Esperança.

Era o alvo da politica portugueza descobrir o caminho maritimo para a India, terra, que per todos los escriptores que o mundo escreveram sobre todas as provincias della esta de rica poseram, como diz D. Manuel na carta⁶ remuneratoria de Vasco da Gama, não somente com proposito de a estes reinos se seguir grande fama e proveito das muitas riquezas que nela ha, as quaes sempre pelos mouros foram possuidas, mas porque a se de Nosso Senhor por mais partes fosse espalhada e seu nome conhecido. Alem d'isso corria na Europa a lenda de um famoso rei christão, em cujas mãos o sceptro espiritual e temporal derramava um brilho de vago mysterio pelo Oriente, e com esse rei conhecido pela designação de *Preste João*, desejavam os reis portuguezes travar communição e alliança.

D. João II, prudente e avisado, antes de enviar Bartholomeu Dias, havia mandado partir por terra emissarios competentes, afim de verem, estudarem, e observarem esses paizes orientaes, para, em virtude das suas informações, poder deliberar com madureza sobre o assumpto. Afonso de Paiva e Pero da Covilhã, seguiram até o Egypto, onde se apartaram, seguindo um para a Abyssinia, outro para a India. O primeiro, á volta morreu no Cairo, encarregando uns judeus de trazerem a el-rei as suas informações, o segundo depois de de ver Calecut, Sofala etc., dirigiu-se á Abyssinia, onde o Negus o estimou tanto, que o não deixou partir, pelo que creou familia e descendencia, e d'onde enviou as noticias que poude.

O destino de Bartholomeu Dias era descobrir o caminho para a India; D. João II que conhecia bem os homens, confiava bastante no habil marinhêiro, cujas viagens o tornavam um pratico de primeira ordem, mas n'esses tempos de perfeita distincção de classes, faltava-lhe a qualidade que tornava os superiores respeitados e quasi sempre cegamente obedecidos. E por isso que depois da tempestade que os arremçou ao sul, ao reconhecerem que haviam dobrado um grande cabo e seguiam o rumo do norte mas para o oriente, quando para voltarem ao reino deviam seguir o do norte mas para o occidente, as guarnições se amotinaram e foi preciso que o valente marinhêiro lhes pedisse que seguissem a sua derrota ainda por tres dias⁷ e se ao fim d'elles não encontrassem o que desejavam, voltariam. Assim succedeu e o benemerito Bartholomeu Dias, teve que regressar ao reino com a magua na alma, por não haver feito o fim a que era enviado.

Por esse tempo e já anteriormente se haviam preparado algumas expedições para o Occidente, sendo a mais precisa na sua organização⁸ a de

⁶ Veja o doc. xxxv na revista citada.

⁷ Este facto dos tres dias anda em alguns livros erradamente attribuido a Christovão Colombo, que não teve embarção algum na sua breve e feliz viagem, e até consagrado na poesia, como se pode ver na bella *Messenienne XIV* de Casimiro Delavigne - *Trois jours de Christophe Colomb*.

⁸ Veja *Archivo dos Açores*, vol. IV, e sr. Ernesto do Canto, *Os Corte-Reaes*.

⁴ Vej. — Revista de Educação e Ensino, n.º 5 — 1858. *Vasco da Gama*, doc. xli.

⁵ Vej. Freire d'Oliveira, *Elementos para a historia do Município de Lisboa*, Vol. 1 pag. 333.



EXPOSIÇÃO D'ARTE.—D. João II ANTE O CORPO INANIMADO DE SEU FILHO O INFANTE D. Afonso—Quadro de sr. A. Condéux

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



EXPOSIÇÃO D'ARTE—A BATALHA DE MATAPAN—Quadro do sr. João Dantas

Fernão d'Ulmo, capitão na ilha Terceira e João Affonso do Estreito, da ilha da Madeira, em 1487, cujos resultados ficaram até hoje ignorados.

Desde, porém, de 1479 residia em Portugal um homem de uma modesta família de Genova, que tendo recebido uma educação regular e praticado, por algum tempo, a vida marítima a bordo dos navios da sua patria, veio para o nosso paiz atraído de certo, pela fama das nossas navegações. Esse homem, porém, entreteve-se, naturalmente como outros da sua nação, em expedições commerciaes, fazendo algumas viagens ao norte e ao sul, aperfeiçoando-se na arte de navegar com os marinheiros portuguezes, fixando-se por algum tempo na ilha de Porto Santo, com a filha de cujo donatario, tambem de origem italiana, se havia desposado. Não se conhece verdadeiramente a época em que este consorcio se realisou, o que se sabe é que por meio d'elle, Christovão Colombo teve ensejo de examinar os taes quaes elementos relativos ás viagens que deviam existir em casa de seu sogro Collocado alem d'isso n'um ponto avançado ao occidente dos continentes europeu e africano, conversando com os pilotos, e observando os mares, julgou que a India, que os portuguezes buscavam para o Oriente, se podia mais facilmente encontrar dirigindo-se pelo Occidente.

Com este intuito apresentou as suas propostas a D. João II, que submettidas ao seu conselho, ou junta de sabedores, foram julgadas, e com razão, incongruentes. Como porém a perseverança tudo vence, é muito natural que mais cedo ou mais tarde e patrocinado pela família de sua mulher, conseguiria o seu fim.

O que é facto, é que, ou desconsolado por ver recusados os seus serviços, ou por ter tido qualquer desaguisado, que lhe fizesse recear a justiça do paiz, como se infere de uma carta do monarcha, sahio occultamente de Portugal e foi a Hespanha continuar as suas solicitações junto dos monarchas Isabel e Fernando.

Sabidas estas diligencias por D. João II parece que este tratou de evitar quanto possível a empreza e mandou a Pero de Barcellos e João Fernandes Lavrador, que partissem para o nor-noroeste a descobrir. Presume-se que essa viagem, que deve ter sido feita com todo o segredo e saindo os navegantes, provavelmente, dos Açores, precedeu um pouco á de Christovão Colombo,⁹ e teve em resultado o descobrimento da terra do Labrador.

Questões e alterações internas absorvendo o espirito do monarcha não impediam que elle imprimisse o cunho da sua actividade e energia em todos os assumptos externos.

Havia D. João II assignado em Monte-mór a 7 de janeiro de 1485 um tratado de commercio com Carlos VIII de França, mas não obstante as boas relações das duas corôas, e os privilegios conferidos aos commerciantes d'aquelle paiz, os seus marinheiros, não ousando aventurar-se aos largos descobrimentos, intendiam ser mais commodo e lucrativo esperar alguma caravella portugueza, assaltal-a, aprisional-a e roubal-a. Assim succedeu em 1492 a uma que vinha da Mina, que, além de uma boa carga, trazia muito ouro. Mal este acto de pirateria constou ao rei portuguez, não se demorou elle em proceder com a maior energia. Mandou chamar Vasco da Gama, cuja tempera bem conhecia, e ordena-lhe que vá embargar e sequestrar todos os navios francezes que se acharem nos portos de Portugal. Vasco da Gama com a maior rapidez executou as ordens d'el-rei, o que deu em resultado levantarem-se queixas de toda a parte dos donos, armadores e capitães dos navios apresados. Participado o successo ao rei de França, este reconhecendo a justiça da parte de Portugal, mandou com toda a diligencia fazer a restituição do navio com tudo o que continha. Referem alguns auctores que porque faltou um papagaio, o rei mandara conservar o arresto até ser tudo reparado, mostrando que não era por avareza, mas por justiça que assim obrava.

Como se vê, aqui nos apparece de novo Vasco da Gama, e se este homem se não houvesse tornado notavel por outros serviços importantes não lhe confiaria D. João II, por certo, tão arriscada e aspera commissão.

Este facto ainda nos sugere outra observação: se Vasco da Gama houvesse nascido em 1469, teria n'esta época, apenas 23 annos, não havia attingido á maioridade, não era portanto a um moço, que ainda devia ter tutor, segundo a lei, que o monarcha havia de confiar uma com-

missão em que tinha que chamar juizes e outras auctoridades para cumprirem os seus mandados; concedendo-se, porém, como por outros documentos atraz notados, que houvesse nascido em 1459, tinha portanto 33 annos, o que já faz admitir mais experiencia, mais firmeza, e mais circumspecção para executar e deliberar.

(Continúa).

Brito Rebello.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

(Continuado do n.º 685)

XVII

Passou-se o dia 26 e a noite em aprestos para o ataque.

O grande capitão reuniu todos os homens de guerra, que não excediam a sessenta, pelo que diz Diego Arana, armados de couraças e de cascos; o resto eram enfermos, incapazes de entrarem em combate. Mandou arrear algumas peças de artilheria para as chalupas, escudos sobresalentes e mosquetes, munições e alguns comestiveis, não muitos, pois não os havia para larguezas, mas o que faltava ao corpo abundava no espirito, porque a gente de guerra estava desejava de bater-se, tanto tempo havia decorrido que não experimentava armas.

Era natural.

Pela meia noite principiou o embarque nas chalupas.

Havia passado um anno e sete mezes, que esses valentes tinham embarcado tambem, em S. Lucar de Barrameda para a famosa expedição, cheios de enthusiasmo, a correr aventuras como agora.

Em S. Lucar o sol de agosto aqueitava-lhes mais o espirito e inundava de luz o mar a que se faziam suas caravellas, levadas como que entre nuvens de fumo dos tiros de artilheria, que dizia o ultimo adeus ás terras de Hespanha.

Em Zebú, porém, a partida era differente; o veu da noite envolvia a terra e os mares; o sol não saudava aquelles valentes, que então como agora iam jogar a vida. Tinham de abafar o seu enthusiasmo no meio do silencio da noite triste e funebre, onde, no ceu apenas uma ou outra estrella vagueava sua luz tremente, como olhos marejados de lagrimas. Não havia corações amigos a saudal-os na despedida, mas gente barbara e extranha que os olhava temerosa e desconfiada.

Que differença!

E em silencio se fez o embarque a que assistiu Fernão de Magalhães, embarcando elle na ultima chalupa.

O rei de Zebú, com um dos principes e outros senhores da ilha, seguiram os christãos em balangais, com indios armados de piques.

Vento fresco encrespava o mar por onde os barcos iam correndo, ora orçando da vaga ora arribando para o vento.

Magalhães, de pé, á poupa da sua chalupa, vigiava todo o governo e ordenava a manobra.

Ia satisfeito; pelo seu espirito não passava sombra de receio da aventura em que ia lançar-se. As horas pareciam-lhe mais longas que de costume; a noite não tinha fim!

Proximo da madrugada chegavam as chalupas á ilha de Mactan e o primeiro impulso de Magalhães foi o desembarcar immediatamente com os seus homens de guerra, mas não era possível. A maré estava baixa e as ondas quebravam-se com violencia contra os cachoupos da praia, elevando-se espumantes para o ar.

Qualquer barco que tentasse abordar á terra corria o risco de se despedaçar entre os recifes.

Comtudo a impaciencia de Magalhães não lhe soffria delongas e, sem attender ao perigo, ordenou a um mouro, que ia nas chalupas, para que da sua parte fosse intimar o regulo de Mactan a reconhecer a soberania do rei de Hespanha e prestar obediencia ao rei christão de Zebú, pagando os tributos exigidos; de contrario os castigaria pelas armas¹.

Foi-se o mouro com a intimação, e se escapou de mergulhar entre os recifes, quasi ficando preso na ilha, pois os rebeldes não se intemidaram com as suas palavras e antes responderam que: saberiam defender-se e resistir aos christãos, pedindo sómente que os não atacassem de noite².

Assim voltou, a custo, o mouro a participar ao chefe o resultado da sua missão.

Como se poderá descrever o desespero e impaciencia de Magalhães ao saber a resposta d'aquelles barbaros, que mais incitava os seus brios de guerreiro? Queria desembarcar logo com a sua gente e atacar os rebeldes, ainda que de noite, e teria cedido ao primeiro impulso se não fôra o rei de Zebú dissuadil-o de tal temeridade, fazendo-lhe conhecer a tatica d'aquella gente, que para se defender, se fosse atacada de noite, abria fôjos em volta da ilha, cheios de estacas aguçadas como lanças, onde os hespanhoes cahiriam cegamente como em armadilha bem disposta para os caçar.

Por isto se conhece a dessimulada astucia d'aquelles barbaros, pedindo para os não atacarem de noite, como se para tal não estivessem prevenidos, o que certamente incitaria os castelhanos a realisar o ataque, mais seguros do resultado.

Magalhães, acreditando ou não no que lhe observou o rei de Zebú, precaveu-se do logro e achou por mais seguro realisar o desembarque de dia para melhor medir o campo em que tinha de operar.

Mal a aurora despontou, as chalupas aproximaram-se da praia tanto quanto premettia

¹ Vej. o já citado sr. Ernesto do Canto — *Quem deu o nome á terra do Labrador.*

¹ Diego Arana, *Vida e Viagens de Fernão de Magalhães.*

² *idem.*

a maré, que ainda estava baixa, e Magalhães desembarcou com parte da sua gente, dando agua pela cintura a todos, de modo que não poderam transportar a artilheria.

Isto obrigou a que nas chalupas ficassem homens a guardar as peças, além d'aquelles que tinham de tomar conta nos barcos, o que reduziu o numero dos combatentes que acompanhavam o chefe.

Para mais, Magalhães não aceitou o auxilio de gente que lhe offereceu o rei de Zebú, talvez por não lhe merecer grande confiança, e julgando-se mais seguro com os seus cincoenta homens, que tantos desembarcariam, avançou para terra resoluta a bater os barbaros.

Ainda bem não tinha disposto a sua gente em acção quando por um dos flancos lhe surde d'entre o matto, uma manga de indios armados de flexas e escudos. Travasse logo a lucta rompendo os hespanhoes fogo de mosqueteria, que pouco alcançava o inimigo. Este despedia-lhe suas flexas que se embutavam contra os cascos e couraças dos christãos, mas bem não tinha começado o ataque, quando outra manga apparece pelo flanco opposto a atacal-os, tendo immediatamente Magalhães de dividir a sua gente em duas columnas para fazer frente ao inimigo.

Cresce a lucta, redobra o esforço.

As flexas são impotentes contra as couraças, mas a mosqueteria vae derrubando os indios, ganhando os christãos terreno.

Não se acobardam os barbaros com as perdas soffridas e disputam a posição com inesperado valor. Em alguma coisa se fiam para arrostarem com os christãos. Contam com a sua superioridade numerica, que não tarda a ser reforçada, e agora apparece pela frente outra manga tanto ou mais numerosa que as primeiras, arrogante e bem armada de varas de madeira indurecidas ao fogo, que ferem como laminas de aço.

Magalhães e a sua gente, vê-se cercado por todos os lados. Elle, só á sua conta, tem rechaçado um bom numero de indios, braço vigoroso, animo decidido não cança.

Tenta dividir o inimigo e manda lançar fogo á povoação, para assim elle correr a dominar o incendio.

Mas esta estrategia não dá resultado, porque os indios mais se exasperam, e alguns correndo sobre os incendiarios ainda colhem dois a quem logo dão a morte.

As numerosas mangas vão crescendo sobre os hespanhoes arremecendo-lhe um cem numero de flexas, varas e pedras que atiram os cascos fóra da cabeça dos castelhanos.

Alguns, considerando-se perdidos, já fogem para a praia e entram na agua, que chega quasi aos hombros, em procura das chalupas onde se refugiam.

Magalhães resiste sempre acompanhado pelos mais fieis e corajosos, que todos se batem com denodo.

Os indios vendo que as suas flexas resvalam das couraças e cahem na aréa sem causar damno ao inimigo, apontam-n'as mais baixas procurando ferir as pernas dos adversarios. Este expediente dá-lhes resultado, porque os homens de Magalhães debandam em maior numero sentindo-se feridos. Entretanto é ao chefe que os indios mais assentam as suas pontarias até que uma flexa lhe acerta n'uma perna.

Magalhães não perde um momento a sua coragem, sustenta a lucta e anima os seus a que o eguallem.

— Por San-Tiago mantemos estes miseraveis!

E batia-se para a frente e para os lados levando com a sua lança a morte aos inimigos, que não o poupavam.

Por duas vezes fazem-lhe saltar fóra da cabeça o casco com pedradas que lhe atiram.

Mas elle não se estonteia nem recua; põe-n'o de novo e continua na tremenda lucta.

Agora é uma flexa que se lhe crava na face, mas elle cresce sobre o audacioso embebendo-lhe a lança no corpo! Outra flexa trespassa-lhe o braço direito quando elle vae a desembainhar a espada, que fica na bainha. Solta então um rugido de dôr e de desespero porque se vê desarmado.

Grita pelos seus, mas inutilmente, porque uns jazem por terra e outros tem-se precipitado para as chalupas.

Sente-se abandonado no meio do inimigo. Um esforço supremo para se desafrontar. Sobra-lhe na alma coragem para bater-se até á morte, mas fallece-lhe no corpo força para reagir.

Os Indios percebem qua o valente capitão já os não pôde ferir e lançam-se sobre elle como chacaes.

Deitam-n'o por terra e elle ainda se ergue uma e mais vezes com esforço heroico, a clamar pela sua gente, mas ninguem o ouve nem lhe pôde acudir.

Nem um d'entre elles, diz Pigafeta, havia que não estivesse ferido, e podesse soccorrer ou vingar o seu chefe. Precipitaram-se para as chalupas, que, estavam prestes a partir e deveram a sua salvação á morte de Magalhães, porque quando elle succumbio os indios correram todos para o logar onde elle tinha cahido.

Fernão de Magalhães poderia então, como o infante D. Pedro, em Alfarrobeira, soltar aquella phrase memoravel:

— Vingar ahi villanagem!

Não havia já resistencia possivel.

Os indios cahiram em massa sobre o desventurado capitão; crivaram-o de flexas, lançaram sobre elle pedras para o acabarem de matar, e só quando estavam bem seguros de que elle já não tinha alento de vida é que deixaram a preza!

(Continúa)

Caetano Alberto.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FABINA

(Continuado do numero anterior)

XII

Pouco depois chegou o engenheiro Eneas; o Frederico permaneceu silencioso alguns instantes e sabiu. Toda a santa noite o Romulo não conseguiu sacar da cabeça estas palavras que lhe pareciam de vertiginosa profundidade.

«O homem ha seculos que anda em busca da verdade e se esquece do amor, sua verdadeira riqueza.»

Repetiu-as em segredo ao Joaquim, e concordou este que n'aquella sentença podia ver-se o compendio da historia espiritual da humanidade... e ainda mais alguma coisa...

— Por exemplo?

— Por exemplo, no presente caso... na bocca de uma rapariga bonita e dirigidas a um rapaz que não é feio... estas palavras... Não sei se me explico?

Explicava-se perfeitamente, mas enganava-se. No proprio momento, a Amalia, depois de ter pensado muito n'aquellas mesmas palavras, tornava a erguer a altiva cabeça, e sentenciava lá comsigo que semelhantes palavras eram falsas e quem as escrevera uma tola... e d'esta vez dizia-o convicta.

Não fora ella quem as escrevera, ella porém tinha de responder pelo acto. Como quer que fosse, os dois collaboradores no casamento da Amalia, tomando de parte o malaventurado engenheiro Eneas, julgaram-se obrigados a preparar-o cautelosamente para o golpe cruel que em breve receberia.

— Como vae o teu negocio com a Amalia?

— Muiíssimo bem— retorquiu o Eneas— não ha dia em que eu não faça uma descoberta que me agoira nova ventura. Sabem vocês que é bonita, o que se chama bonita?

— Sabemos— disse o Joaquim— ou, pelo menos, imaginamos, mas...

— Qual mas nem meio mas: é muito bonita. O corpo humano obedece a determinadas leis de symetria e de ponderação; tem tambem a sua architectura e que não engana. Assim como se pode reconstituir um megatherio com uma mandíbula, ou um edificio antigo com um fragmento de cornija, quasi se pode adivinhar a belleza de uma joven. Tenho-a estudado muito bem, e estou seguro de que...

Já te declaraste á pequena?...

— Ainda não; quero lhe dar tempo a que por sua vez me estude tambem, sem precipitação.

— E julgas que a Amalia trabalha secretamente para adivinhar pela tua cornija a architectura a que pertences, ou para reconstituir o megatherio que lhe queres impingir para marido?

— Não digo isso— exclamou rindo o Eneas— vocês perguntaram-me se a coisa ia bem e eu respondo que vae admiravelmente. Estou contente com a Amalia.

— Reparaste no nariz?— perguntou o Joaquim— não te parece que entorta um bocadinho?

— Calunnia; é tão recto o seu nariz como o seu criterio.

— Mas emquanto á fé, está muito mal, observou o Romulo— não crê em coisa alguma; talvez te venha a dar filhos scepticos.— E, a não ser a educação...

— Prefiro-a assim mesmo, interrompeu o Eneas— creio eu, é o que basta. Melhor será que a mãe dos meus filhos duvide; pois d'este modo meus filhos, com respeito a faculdades religiosas, terão esse equilibrio que, com a reflexão, vem a formar a verdadeira consciencia, hoje em dia tão rara.

— O Romulho, derrotado, olhou para o Joaquim, vencido, e entreambos reuniram as suas ultimas forças para expedirem uma gargalhada.

O seguinte dia ficou memoravel mediante uma catastrophe inesperada. A' hora de chegarem as visitas, quando todos estavam ao pé do lume, na casa Trombeta, e além d'isso anciosos todos por causa do dr. Roque— que manifestava immensa vontade de altercar com o Deus minuscuro, e de modo tal que todos concordassem em que a razão estava do seu lado— em tão critico instante, chegou o engenheiro Eneas, trazendo na mão um periodico.

— Ria, fallava, cumprimentava e desdobrava o periodico, tudo isto a um tempo.

— Ora oiçam— disse, continua a brincadeira; dêram vaias ao Frederico e agora chega a minha vez, mas de modo tão estranho, tão estranho que não percebo patavina.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

Aquelle triplice appello á curiosidade dos circumstantes não foi baldado, e entre outras coisas, deu tempo ao engenheiro para encontrar o que buscava.

«Pensei melhor — leu com vagar; — os ricos tem sempre um thesouro a procurar: a parte melhor de si proprios, que para o homem permanece sempre escondido por muito tempo. A verdade absoluta está lá muito em cima e o amor poderá estar cá muito em baixo, a virtude activa, porém, é ao mesmo tempo amor e verdade; lança a vista em derredor, olha para ti, quanto oiro escondido!»

As primeiras palavras lidas pelo Eneas, notou o Romulo que a «pequena mais linda de todo o universo» que estava n'aquelle momento servindo o café, deixou cahir uma colherinha, e ao chegar ás ultimas, quando elle, defronte d'ella, recebia a chavena, notou que se pôz muito pallida e que não deitara assucar no café.

— Repito que não percebo uma palavra — dizia o engenheiro — estou farto de olhar em redor e não encontro onde possa haver oiro escondido; se o caso fosse com o Frederico, que se occupa em procurar um thesouro, comprehender-se-hia; eu, porém, que terei que ver com? O correspondente anonymo affirma que pensou melhor; se houvera, sequer ao menos, pensado bem, teria escripto melhor.

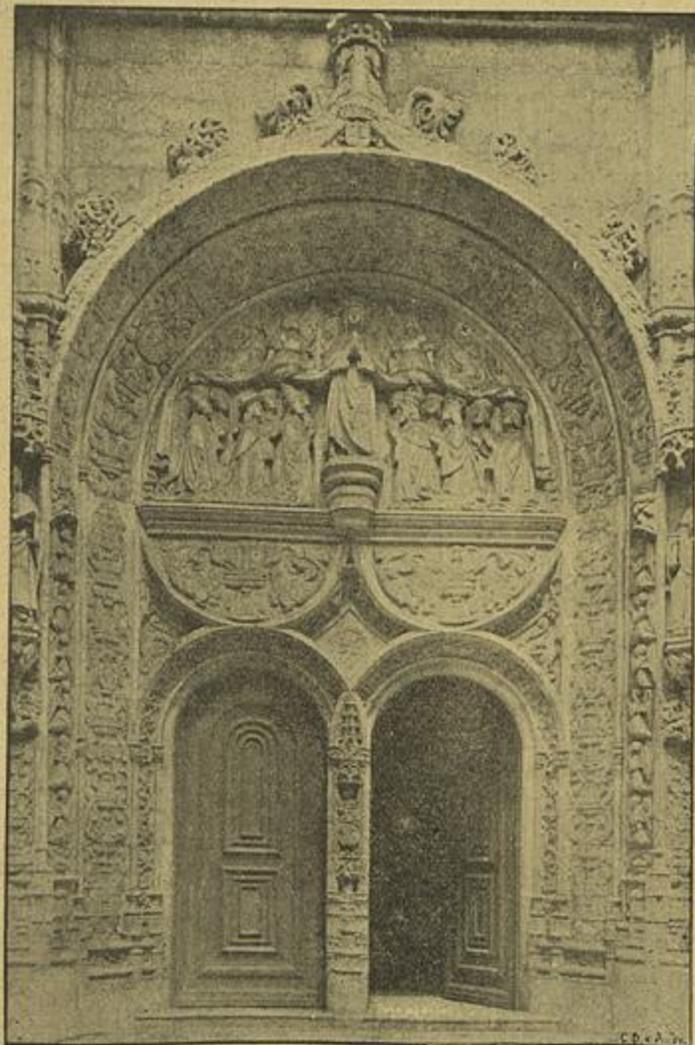
Como ninguem o interrompesse, proseguiu em seus agudos commentarios, até que a voz tonante do doutor Roque annunciou um trambólho que cahiu em cheio sobre a humana estupidez e a puerilidade incuravel das pessoas sensatas.

Ordinariamente, quando o doutor Roque diluviava d'aquelle modo, os circumstantes o que faziam era acolher-se debaixo do telhado do silencio, á espera de que passasse o aguaceiro, mas n'aquelle dia, apenas o engenheiro Enéas ficou callado; o Joaquim e o Romulo haviam-se aproximado um do outro para se confabularem em segredo.

— Quem escreveu ao Enéas foi o Frederico.
— Sim, foi o Frederico; mas, para que lhe escreveria elle?
— Para nos dar a entender que percebeu tudo.
— Ou pelo menos que o suspeita.
— Ah! não lhe resta duvida — suspirou uma vozinha suave.



IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO RESTELLO



EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA, ONDE ESTÁ A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO RESTELLO

— Era a Amalia.
— Que está dizendo?
— Digo que, se os senhores perceberam, o senhor Frederico já sabe tudo.
— Mas o que é que sabe?
— Que sou eu quem lhe escrevia.

— Não podiam os dois velhos dizer-lhe por que motivo podiam adivinhar o occorrido, para a convencerem de que o Frederico, no entender d'elles, não tinha direito de suspeitar, e portanto, Romulo, fingindo-se estupefacto, perguntou:

— Com que então, foi a menina? e sempre a menina?
— Sempre não, apenas algumas vezes.

— Então já vê! — Nas cartas havia a meude contradicções. O Frederico deve estar persuadido de que são dois os seus correspondentes anonymos; logo...

— É escusado tentarem consolar-me. Commetti uma patética e é muito bem feito que isto aconteça. Assim que eu vir o senhor Frederico, faço-me muito córada, peço-lhe mil perdões e está tudo acabado.

A borrasca do dr. Roque, todavia, continuava, e o engenheiro, estoico, permanecia ao abrigo do telhado.

— Não senhora, não — insistiu o Joaquim — o Frederico mandou a carta ao engenheiro, logo, suspeita ser este um dos dois correspondentes.

Foi como se fuzilasse um relampago. Ao ouvir esta ultima phrase, a Amalia viu fulgir uma ideia que lhe não occorrera ainda.

— Então, então... — balbu-

ceou, e velou lhe a vista expressão de desalento.
— Então o que? — perguntou assustado o Joaquim.

— Está tudo bem claro — retorquiu a joven com visivel contrariedade — para o senhor Frederico sou eu um dos correspondentes: o outro, talvez, o engenheiro Enéas. E' capaz de acreditar que andamos combinados... o que não é verdade, nem coisa que se pareça.

E a ideia de ter por cúmplice o Enéas parecia tornar-lhe insupportavel a responsabilidade que se resignára a assumir unicamente sobre si.

Quizeram os dois amigos acrescentar fosse o que fosse, o doutor Trombeta, porém, havia concluido, o engenheiro respirava livremente e reaparecia, a «pequena mais linda de todo o universo» pedia licença para se retirar, e recolhera ao seu quarto; o sol desaparecera e o engenheiro Enéas suspirava.

Aquella noite, antes de apagar a luz, o Joaquim disse para o Romulo:

— O que mais afflige a Amalia é que o Frederico a julgue cúmplice do Enéas.

— Sinto-o, por causa do Enéas.

— Sim, muito — respondeu o Romulo, a rir.

— Mas ha maneira de salvar a Amalia d'esta suspeita injuriosa.

— Sim, sim, injuriosa.

D'esta e d'outras. Assim, pois, para que a Amalia saia immaculada de qualquer suspeita, bastará que vamos ter com o Frederico e lhe digamos que as suas duas incognitas somos nós, e que, se nos enredámos alguma vez na correspondencia, foi por nos não termos posto de accordo em tempo opportuno. — Mas, dize lá, como é que o Frederico adivinharia que a brincadeira sahia da casa Trombeta?

— Era isso mesmo que eu estava para te perguntar — como adivinharia elle?

(Continúa.)

Pin-Sél.



Recebemos e agradecemos:

Zoologia Elementar Agricola. — *Obra illustrada com mais de 700 gravuras.*

Estão publicadas 36 cadernetas d'esta obra, tão interessante quanto instructiva e que se divide em duas partes: *Zoologia geral* e *Zoologia especial*, segundo os methodos de S. Schilling, dr. Noll, Leunis, H. Ludwig e Pokorny; e pelo seu illustre auctor, sr. Paulo de Moraes, dedicada á mocidade estudiosa das escolas agricolas de Portugal.

Diccionario illustrado — *Linguistico, scientifico, artistico, industrial, historico, geographico, bibliographico e mythologico.*

Esta util obra é coordenada segundo os methodos de Larousse, Littré e Beaugéan, Bénard e Bescherelle, e destinada ao uso de portuguezes e brasileiros, sendo profusamente illustrada por Francisco Pastor.

Cada fasciculo consta de 32 paginas illustradas e custa 50 réis. Acham-se já publicados 59 fasciculos e continua aberta a assignatura na sede da empresa, Rua do Ouro, 243, 2.ª. Lisboa.

No Oriente — *De Napoles á China (Diario de Viagem) por Adolpho Loureiro — I e II volumes — Lisboa — Imprensa Nacional — 1896-1897.*

Incluida na já longa e importante serie de contribuições litterarias da Sociedade de Geographia de Lisboa, para a celebração do IV centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, a presente obra foi escripta em 1883 e 1884, sahindo agora impressa graças a instancias alheias, pois que o seu auctor a havia escripto em despretencioso diario de viagem, como nol-o explica na sua tão modesta introdução.

Essas instancias permittiram, pois, a revelação de uma descripção aprimorada dos encantos do Mediterraneo até á China, pelo estreito de Malaca, e de Macau, grangeando ao seu auctor justos titulos de estylista e observador.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.